

Conversa com o “sábio da estrela”: Benedito Nunes

MIRES BATISTA BENDER

Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



O filósofo, professor e ensaísta Benedito Nunes é um estudioso do pensamento alemão especialmente de Kant, Heidegger e Nietzsche, além de profundo conhecedor dos clássicos, iniciando com Platão e a tradição neoplatônica. Prestigiado conferencista, autor reconhecido há mais de quarenta anos e frequentador assíduo do meio intelectual francês e norte-americano, sua visão da literatura mundial foi apurada nas diversas viagens ao exterior. Suas análises perseguem uma dimensão poético-filosófica e, em obras como *O mundo de Clarice Lispector* (1966); *Poesia de Mário Faustino* (1966); *Farias Brito: trovas escolhidas* (1967); *O dorso do tigre* (1969); *Leituras de Clarice Lispector* (1973); *Oswald Canibal* (1978); *O livro do seminário* (1983); *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger* (1986); *O tempo na narrativa* (1988); *A paixão segundo GH/Clarice Lispector* (1988); *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector* (1989); *Crivo de papel* (1998) e *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético* (1999), apresentam a reflexão sobre as relações entre a filosofia e a literatura. Colaborador em jornais desde muito jovem, sua adolescência, em Belém do Pará onde nasceu e reside ainda hoje, foi compartilhada com poetas como Haroldo Maranhão, Francisco Paulo Mendes e Mário Faustino, com quem desenvolveu profundas relações de amizade por toda a vida e de quem é hoje reconhecido como o maior intérprete.

Ciceroneada pela professora Lilia Silvestre Chaves, a biógrafa de Mário Faustino que se tornou amiga do filósofo, fui até a casa do professor Benedito Nunes na tarde quente de 22 de agosto de 2007. A morada do professor fica numa travessa, que atualmente recebeu o nome de Mariz e Barros, mas que seus habitantes fazem questão de tratar pela antiga denominação de Travessa da Estrela, de onde vem o tratamento carinhoso que o escritor recebeu por lá: o sábio da estrela. Ao ultrapassar o pesado portão de madeira, que é sustentado por um muro ocultado em rede densa de heras muito verdes, chega-se ao pátio florido, ornado de azulejos e mesinhas com bancos de ferro. Acomodados numa varanda/sala de visitas, muito fresca e guarnecida de quadros e objetos típicos, o

professor teve a simpatia de discorrer longamente sobre suas aventuras de adolescência com Mário Faustino e sobre o estilo e as realizações do poeta. Falou também de suas próprias reflexões sobre cultura, política em geral e a cidade de Belém, que ele demonstra amar acima do espírito crítico que esta lhe desperta nos dias de hoje.

Nosso colóquio, que a princípio deveria ser uma entrevista formal, acabou por se desenrolar em conversação muito agradável e descontraída, acrescida de uma visita (guiada pelo sábio) às suas bibliotecas e arquivos, salas onde preserva os recortes de jornais, as publicações e os originais que lhe foram doados por Mário Faustino para que se tornasse seu guardião. Procuo transcrever as falas com a maior fidelidade possível, no interesse de manter o “clima” que se estabeleceu durante a conversa.

A professora Lilia aproveitou a ocasião para devolver ao professor o material retirado de seu arquivo, o qual usara na pesquisa para a Tese sobre a biografia de Faustino (2000), e que guardava com ela desde então. Ficamos alguns minutos conversando a respeito do arquivo, enquanto a professora explicava que a minha pesquisa era “sobre o tempo na obra do Mário” e mostrava a ele alguns documentos que eu havia solicitado copiar, o que ele prontamente autorizou.

MB: Professor, eu listei umas perguntas bem variadas, principalmente sobre o tema da minha pesquisa a respeito de Mário Faustino e outras sobre a sua trajetória. Começaria perguntando: o escritor Milton Hatoum dedicou ao senhor seu conto em que fala de um homem com o espírito das viagens, “Reflexão sobre uma viagem sem fim”. A personagem de Hatoum, Delatour, diz que “a voz do verdadeiro viajante ecoa no rio silencioso do tempo”. O senhor concorda que é preciso viajar para olhar melhor o lugar onde se vive? E em que essas experiências ajudam os homens a se manterem mais conectados ao seu tempo?

BN: Sim, acho que sim. Nem que a viagem seja um simples afastamento físico do local em que se mora. O distanciamento, por menor que seja, das condições de vida

que a gente tem ajuda muito a compreender essas mesmas condições do mundo. Eu acho que o afastamento, essa dupla, para não dizer dialética, essa dupla: afastamento, proximidade; afastamento, proximidade, é essencial, me parece, para o conhecimento do lugar em que a gente vive. A gente não pode conhecer plenamente o lugar em que se vive, sem essa dialética. Sem o afastamento não se pode compreender bem. Há necessidade de se distanciar um pouco, sair um pouco do lugar em que se vive, sair da concha para alcançar o tanto quanto puder, o horizonte que circunscrevem para a gente.

MB: E o senhor pode dizer isto melhor do que ninguém, porque o senhor viajou muito, viaja muito ainda, não é?

BN: É, eu viajei muito, houve um tempo em que viajei bastante.

MB: Mário Faustino também viajou muito.

BN: Isso.

MB: E eu defendo que o fato de ele tratar sua poesia, não como uma obra que começa e acaba nela mesma, mas como parte da poesia que se escreve no mundo todo, deve-se à sua peregrinação e à sua oportunidade de ver lugares e pessoas diferentes. Ele pensava a sua poesia em conjunto com a de poetas de todos os lugares do mundo, não é?

BN: Sim, ele teve sempre esta visão muito abrangente, da sua própria poesia julgada... A partir de uma certa época, sobretudo, depois que ele escreveu *O homem e sua hora*, passou a ter essa visão. Quando ele começou a escrever poemas que ele mesmo considerava inacabados, que ele denominou de "Fragmentos".

MB: Então o senhor considera que estas viagens foram muito importantes para o tipo de poesia que ele fez?

BN: Sim, sem dúvida. Até as viagens que ele fazia do Piauí pra cá (risos).

MB: Eu li algumas das cartas que ele escrevia para o senhor de lá do Piauí, falando sobre as bibliotecas que ele visitava...

BN: Isso, isso, sobre pessoas de lá, que ele conhecia e tal...

MB: Ele nunca deixou de fazer pesquisa, enquanto viajava, não é?

BN: É, é.

MB: E sobre a sua cidade?... Estou encantada com ela... É a primeira vez que a visito... Eu gostaria de ouvir o senhor falar um pouco sobre Belém. Tem rios lindíssimos aqui. Agora há pouco estive na Universidade Federal e tem um rio maravilhoso que corre ali dentro...

BN: O Guamá!

MB: É... Porto Alegre, a minha cidade, também tem...

BN: O Guaíba!

MB: Isso, o rio Guaíba, que nem é, na verdade, um rio, mas uma lagoa grande, e que marca muita presença na cidade, mais poética do que comercialmente... Existe em Belém um relacionamento poético com o rio ou isto se perdeu nas evoluções da cidade?

BN: Está se perdendo! Não se perdeu ainda, mas está se perdendo. Nota-se, no marginal, alguma permanência dessa temática fluvial, digamos assim... Max Martins, por exemplo, é muito acentuada a presença do rio, embora a poesia dele tendesse cada vez mais para o que está sendo – tendesse porque eu acho que ele já acabou de fazer poesia, ele agora já está com uma certa idade, e muito mais velho (ele é mais velho do que eu), ele não está mais escrevendo, então já se pode dizer, contemplar, de qualquer modo, a poesia dele como uma poesia feita – e essa poesia tem muito a presença do rio, a presença das águas, sobretudo águas, águas moventes, águas que se movem.

MB: Ainda sobre Belém, foi uma cidade que teve muita importância histórica na formação do Brasil, e é ainda hoje muito importante, é claro, mas o senhor vê muita diferença, muita transformação acontecendo na sua cidade?

BN: Sim. As transformações aconteceram muito rapidamente, transformações fictícias, isto é, sem nenhuma base real. Elas foram muito induzidas por uma propaganda do próprio governo, por exemplo, a ocupação da terra pelos que vinham do sul trabalhar aqui, tudo isto, então, foi o contato com gente que entrava...

(pausa para atender ao telefone)

MB: E o senhor entende, então, que o progresso atrapalhou muito a evolução da cidade?

BN: Sim. Sobretudo a forma precipitada, atrapalhada, com a qual se fez esse progresso. Então, houve um excesso de gente que entrou aqui, não é, sem haver uma localização prévia, sem haver qualquer preocupação com assentamento, etc. É o chamado crescimento artificial, porque há alguma coisa feita ao léu, sem nenhuma medida, sem nenhuma previsão, de conseqüências. Em geral essa previsão não existe aqui.

MB: Aí acabam derrubando os prédios históricos para darem lugar às grandes lojas...

BN: Bom, então começou a encher a população, a cidade inchou, ela está inchada agora, é uma cidade que existe em torno de mim, mas que eu não conheço mais (risos). Multiplicaram-se as cidades. Eles chamam de cidades novas, cada parte que aparece é uma cidade nova, então tem sete cidades novas, ninguém conhece mais... A população aumentou consideravelmente, a população escolar, idem. E aí é que é a parte mais fraca, porque a população escolar aumentou, os professores não aumentaram. Continuam sendo incapacitados também, porque não há preparo nenhum para eles. Então, essa

parte escolar, essa parte toda antiga, de formação, está muito deficiente aqui.

MB: Em *Crivo de papel* o senhor trata de uma ação que é necessária para que o homem consiga manter de um modo satisfatório sua evolução, e os impasses que o progresso sempre traz. O senhor fala que a história universal é um palco “onde tudo é mudança e inovação, combinadas com a destruição”. Como se dá esta ação em relação ao progresso nas nossas cidades?

BN: Por esse enchimento da população, os grupos se tornaram muito transitórios. São grupos de passagem, que não se fixam. A população aumentou, ela se dissipou também. Então é muito difícil hoje você falar, como falavam antigamente, numa “identidade paraense”, está tudo muito... gaseificado (risos).

MB: Bem, quero falar sobre a sua amizade com o Mário Faustino, iniciar lhe perguntando, como começou o relacionamento de vocês e se houve alguma interferência de Francisco Paulo Mendes nesta aproximação.

BN: Sim. Houve duas etapas, uma de afastamento, outra de aproximação. De afastamento ligou-se ao episódio de um concurso promovido pelo *Globo*. O jornal *O Globo*, fez um concurso chamado “Concurso Embaixador da Juventude”, cujo prêmio constituía em uma viagem ao Rio de Janeiro. Era por meio de votação feita pelo próprio jornal. Uns cupons eram publicados, os leitores recortavam e mandavam para o jornal, etc e tal... O Mário Faustino era candidato pelo Colégio Paes de Carvalho, nós nem nos conhecíamos nessa época, e... ele não teve sucesso, eu venci exatamente (risos) como candidato do Colégio Moderno, no qual eu estudava, então aí foi a derrota do Mário (risos). Bom, mas Mário era muito novinho, ele começou a escrever muito cedo, dezesseis anos ele já começava a aparecer como colaborador de jornal, nos jornais que havia, que hoje só tem um jornal, dois, aliás, dois jornais. Naquele tempo ele colaborava em dois jornais, *Folha do Norte* e *A Província do Pará*, escrevia crônicas diárias, quando ele foi para os Estados Unidos ele escrevia crônicas que ele mandava e os jornais publicavam. Então, houve sempre essa ligação no Mário, entre a viagem e a publicação de relatos que ele fazia dessas viagens...

MB: E vocês dois se mantiveram sempre em contato, mesmo quando ele estava nos Estados Unidos...

BN: Sim... Bom, então depois, por intermédio de outros amigos, houve aqui uma tentativa de organizar uma Associação Brasileira de Escritores – ABDE, chamada, aqui não existe mais nada disso, nós estamos na fase da “mediocrização” intensiva (risos). Então, nós nos aproximamos, nessa época, e dessa aproximação resultou a amizade, uma amizade muito profunda, eu acho que só fez crescer com o tempo, mesmo depois com a distância, que ele foi embora para o Rio de Janeiro.

MB: E depois pra Nova York.

BN: Depois pra Nova York. Nos escrevíamos sempre, eu tenho uma correspondência, tinha uma correspondência muito grande com ele... E sempre nas cartas havia o relacionamento pessoal, ao mesmo tempo o tratamento de assuntos objetivos. Era a época, também, do grande *boom* concretista, dos grandes movimentos de vanguarda no Brasil inteiro.

MB: Tinha muito assunto...

BN: Tinha muito assunto.

MB: Sei de alguma rivalidade que ele teria tido com Paulo Mendes, por algum motivo, não sei qual, e sei também que ele brigou com bastante gente (risos). Ele tinha um temperamento muito difícil? Pelo que sei, ele nunca brigou com o senhor...

BN: Não, era fácil, era fácil. Aí, no caso, foi o Paulo Mendes que brigou com ele (risos).

MB: Ele era um polemista, mas só na crítica?!

BN: Isso, isso, isso! Era uma pessoa muito, não digo dócil, mas era uma pessoa muito gentil, muito bem educada, mas muito franco, também. Uma franqueza que às vezes até era incômoda, sinceramente...

MB: Eu não encontrei, por incrível que pareça, crítica negativa com relação à obra de Faustino ou mesmo à sua pessoa. O mais próximo disto que li foi o comentário do Bruno Tolentino n’*Os sapos de ontem*, condenando os elogios que Faustino fez à poesia concreta, mas ali dá a entender que o Tolentino criticava, na realidade, a poesia concreta, que ele detesta...

BN: Detestava, parece que ele, morreu...

MB: Isso, detestava, morreu em junho... Me pareceu que ele falasse mais mal do Faustino, não pelo poeta, mas porque o Faustino falava bem da poesia concreta...

BN: Não poderia deixar de falar bem, porque ele conheceu os concretistas, teve convívio com eles, se davam muito bem, tiveram afinidades, liam os mesmos autores... Eu acho que a propensão dele para o Concretismo foi incentivada por esses fatos todos. Pelos autores comuns que eles tinham, pela percepção sobre determinadas obras. Também era a época em que todas as pessoas se uniam em torno do autor. Época de Guimarães Rosa, as pessoas tinham começado a ler Grande Sertão: veredas. Que maravilha! “Começar” a ler Grande Sertão: veredas (risos).

MB: Que maravilha!... E Faustino reclamava muito que os poetas não falavam de poesia...

BN: Não falavam de poesia, é.

MB: E as pessoas, me parece, entendiam mal...

BN: Isso. Aí ele criou, não digo polêmica, mas criou incompatibilidades, por causa dessa opinião que ele levou ao exagero... Ele cutucava, por exemplo, o Drummond. O Drummond era muito amigo dele.

MB: Não quer dizer que ele não gostasse da poesia do Drummond...

BN: Mas gostava muito. O Drummond cortou com ele completamente. Eles eram muito amigos. Por causa destas coisas todo mundo se ofendeu... Também, são muito suscetíveis, não é?! Os poetas são muito suscetíveis.

MB: O senhor e Mário Faustino se conheceram em 1946 e conviveram até a morte dele, em 62...

BN: É, 46, por aí... Ele tinha dezesseis anos... Não, tinha quinze, ele era um ano mais novo do que eu, ele nasceu em 30, eu nasci em 29.

MB: A minha curiosidade é a seguinte: este período, os anos 50 especialmente, eram anos de grande efervescência política, cultural, econômica...

BN: Política... A questão de Cuba, por exemplo, foi muito importante para nós... Ainda fomos parar na polícia uma vez, eu e ele (risos).

MB: É?! Ah, me conta essa história...

BN: É que nós tínhamos assinado, quase todos nós, que tínhamos uma espécie de grupo, informal – como todos esses grupos são – em torno do professor Francisco Paulo Mendes, que era muito amigo dele (o Paulo Mendes). Então, nesse momento, todos nós assinamos um manifesto pró Cuba.

MB: Em favor de Cuba?!

BN: Em favor de Cuba.

MB: Perfeitamente...

BN: E aí nós fomos chamados à polícia, eu e o Mário, fomos até juntos (risos). Ainda me lembro de nós conversando na janela da chefatura de polícia, que era num outro local – não me lembro agora onde é – enquanto esperávamos ser chamados pelo delegado para fazer as perguntas: por que assinou o manifesto? Etc e tal... A gente dizia: sabe, se assinou porque era justo, né (risos).

MB: Quer dizer que se a gente for pesquisar, vocês estão fichados na polícia?

BN: Fichados na polícia.

MB: Olha só, que aventura! Vocês debatiam política?

BN: Muito, muito, política. Não era o único assunto, mas era um dos assuntos. E havia também... Havia dois aspectos, havia a política local e a política nacional, além da geral. Na política local havia aqui um embate freqüente entre duas grandes áreas. Uma primeira, que era chamada “baratista”, era a ala que seguia um general chamado Magalhães Barata, que foi justamente quem vingou aqui a partir de 30, da revolução de 30... Então ele dirigia – que hoje já passou isso tudo (risos) – dirigia a política paraense. Era o Barata. Nós éramos, então, todos nós éramos “anti-baratistas” (risos). Éramos todos “anti-baratistas”. Fazíamos parte deste movimento, deste..., era mais uma onda. Quando mudou o governo foi eleito um general, mais um. Saía um general e entrava outro general (risos).

MB: Não mudava muito (risos). O Faustino escreve um poema chamado “Balada”, que depois foi usado pelo Glauber Rocha naquele filme antológico, o *Terra em transe*, e se trata...

BN: Ah, eu releio sempre, é muito bonito.

MB: Ele até faz um...

BN: “Tanta ternura”!

MB: Isso! Ele faz uma epígrafe a um poeta que teria se suicidado. Tem a ver com a história do Paulo, protagonista do filme...

BN: É aquele poeta que escreveu “A ponte”, “The bridge”, poeta americano, esqueço o nome dele... talvez eu me lembre.¹

MB: O senhor diria que este poema é uma percepção especial que Faustino teve sobre 64? Porque parece que ali está retratado um sentimento que o Brasil vai viver depois do golpe.

BN: Pois é, isto foi 64. Eu sempre me pergunto como é que o Mário Faustino teria agido na época de 64.

MB: Esta também é a minha pergunta...

BN: ... morreu em 62.

MB: Este poema ele publicou em 55, e tem um clima de 64, incrível, de “luta perdida”...

BN: Isso, isso, tem uns poemas assim, até alguns escritos a lápis.

MB: Será que ele teve, não quero falar em premonição, não, mas uma visão de futuro, do tempo em que estava vivendo. Talvez por estar sempre tão em contato com os fatos que estavam acontecendo, teria ele tido essa idéia...

BN: É! Como também ele tinha... Ele foi sempre um sujeito muito lúcido. Ele tinha uma visão muito aguda dessas mudanças políticas. Nesse tempo ele trabalhava, quando houve essas mudanças todas, na ordem internacional principalmente, ele trabalhava na gerência da ONU no Brasil. Então ele acompanhava muito bem essas coisas todas, ele era tradutor também. Antes ele tinha sido tradutor nos Estados Unidos, depois, quando ele veio para o Brasil e aqui se fixou, ele passou a ocupar essa gerência da ONU.

MB: De comunicação, não é?!

BN: É. Ele tinha uma acuidade muito grande para questões políticas, conversávamos muito sobre esse assunto. Quando ele vinha dos Estados Unidos nós conversávamos sobre a situação internacional, Fidel Castro, etc e tal, e ele sempre dizia: muito bem, está certo, há uma revolução hoje no mundo, mas se isso medrar, se isso continuar, se isso se prolongar vai ser muito duro, vai ser uma situação de conflito permanente. Sempre

¹ Posteriormente confirmei que o professor se referia a Hart Crane (1899-1932), grande poeta americano, autor de “White Buildings” e “The Bridge”, que cometeu suicídio, jogando-se de um navio.

conversávamos sobre essas histórias. Então ele era muito lúcido sobre isso, não se enganava. Ele tem aquela canção “Fidel, Fidel”.

MB: que é muito linda...

BN: Muito bonita, é. “...que tiene Fidel/ Que los americanos no pueden com el?” (risos).

MB: É perfeita! E justamente esta canção me ajudou a contrapor uma teoria, que existe, de que, por ser um lírico, Faustino não estaria muito em contato com os fatos mais objetivos dos acontecimentos de seu tempo. Essa sua declaração vem corroborar meu pensamento de que ele estava realmente conectado com o tempo em que viveu e produziu, que ele nunca foi um lírico muito perdido em divagações sobre o Eu... A poesia dele está muito em contato com o mundo...

BN: Muito, muito, muito. Correto, correto. E com ele próprio. Com o modo de ser dele, com a maneira de falar, de agir... Uma vez umas pessoas nos trouxeram uns trabalhos que fizeram sobre o Mário Faustino. A gente não desestimula, é sempre bom estimular as pessoas jovens a se interessarem... Mas a concepção que eles tinham do Mário é de um sujeito soturno, triste. Mário era o contrário disto. Era um sujeito “solar”, muito alegre, muito vivo, muito falante, muito mundano também, ele gostava de se vestir bem, usava sempre ternos muito bem assentados (risos), gostava de variar as gravatas, tinha uma coleção de gravatas, combinava as coisas todas...

MB: Ele era ao mesmo tempo apolíneo e dionisíaco?

BN: Apolíneo e dionisíaco! E estes contrastes é que são maravilhosos.

MB: Na pesquisa que estou desenvolvendo, há uma parte sobre o tempo na poesia de Faustino. Ele tem muitos poemas em que aborda o tema do tempo ou traz essa idéia. Eu li um texto seu (“O projeto de Mário Faustino”) em que o senhor fala que ele considera Henry Bergson essencial para entender os “Fragmentos”, por causa da maneira como Bergson vê o tempo... E eu fiquei pensando, com relação a isto, que, por exemplo, Heidegger, também, quando fala do tempo, dá essa idéia de finitude humana...

BN: É. O tempo está sempre ligado à finitude e a finitude livra da condição mortal.

MB: Que é muito presente nos poemas de Faustino, quando ele trata o tempo como uma força promotora ou antecipadora da morte... Nós já sabemos que ele lia Bergson. Ele lia Heidegger?

BN: Eu não sei se ele teve contato direto com Ser e tempo, isso eu não sei... Mas, até Bergson, sim, lia bastante Bergson... Porque com o Bergson, também, tem uma coisa, o Bergson era um grande escritor, ele escrevia muito bem, escrevia bonito, tinha estilo.

MB: Isso o atraiu mais para ele.

BN: Isso o atraiu mais, é.

MB: Algum outro filósofo, o senhor imagina que tenha ajudado o pensamento dele com relação ao tempo? Um filósofo, um poeta...

BN: Talvez o Eliot. T. S. Eliot.

MB: O poema “The waste land”, por exemplo?

BN: Não, “Os quartetos”, também, principalmente “Os quartetos”.

MB: tendo em vista a sua larga experiência como professor e a sua vasta obra publicada eu gostaria de saber como o senhor entende que a pesquisa acadêmica pode dialogar com o mundo real dos leitores de literatura. Em que sentido a pesquisa acadêmica pode colaborar ou mesmo, alcançar o leitor (comum). É possível essa conexão? Ou, não, são dois mundos estanques, separados, os pesquisadores e os leitores?

BN: Desde que o pesquisador se despoje muito da sua empáfia acadêmica (risos), é de rir, viu.

MB: Tenderia a alcançar mais o leitor?

BN: Isso, mais o leitor... Cuidando muito do autor como homem, também, não esquecer isso não. Eu acho que não se pode esquecer isso mais... A questão do homem como poeta.

MB: O senhor disse numa entrevista² que considera importante manter a filosofia no *currículum* escolar. Que ela faz diferença na formação dos estudantes (mesmo no ensino secundário), mas é essencial que ela esteja vinculada aos interesses dos alunos e trate das questões que os jovens se fazem a respeito da vida, da política e da sociedade. O senhor também diz que a poesia induziu ao surgimento da filosofia, sendo responsável por seu desenvolvimento ao longo dos séculos. Podemos considerar que a poesia tenha a mesma importância da filosofia na escola? Como o senhor julga que os professores poderiam torná-la mais atrativa da atenção e interesse dos alunos?

BN: Eu acho que aí, para responder mais diretamente, como tornar mais atraente a poesia? Lendo poesia. Porque, o que pouco se faz é ler. As pessoas dão muita informação sobre os autores, sobre as obras que escrevem, mas o conhecimento das obras propriamente, não se tem. Então, não se lê, quase não se lê.

MB: Existe espaço para a poesia de Mário Faustino na sala de aula?

BN: Eu acho que sim. Tenho a impressão de que ele foi sempre um poeta muito usufruído quando experimentado. Essa é a idéia que eu tenho, pelos depoimentos feitos por pessoas que estudaram o Mário, que difundiram o Mário. Tanto que sempre foi um poeta muito bem aproveitado, quer dizer, um poeta que é solicitado pelas classes, que quando lêem as pessoas gostam, não deixam de gostar, não é?!

² Disponível em: <<http://ufpa.br/beiradorio/arquivo/beira27/noticias/noticia6.htm>>. Entrevista concedida à UFPA – Universidade Federal do Pará.

MB: Já foi até tema de vestibular.

BN: Isso, foi tema de vestibular.

MB: O senhor possui uma biblioteca com mais de cinco mil volumes, pelo que eu soube. Eu gostaria de ter a sua lista dos 10 mais. Os livros que o senhor mais gosta de ler, ou os que consulta mais... Que tal?

BN: Dou, lhe dou essa lista. Você vai ficar quantos dias aqui?

MB: Eu vou ficar até sábado próximo.

BN: Nós estamos na terça-feira?! Mais três dias?

MB: É, terça-feira.

BN: Então você quer que eu organize uma lista dos...

MB: Sim, gostaria... Dos dez livros... O senhor pode fazer como preferir, os de que gosta mais, ou...

BN: Sim, os que lê mais, os que consulta mais, tá certo, tá certo.

MB: O senhor pode apontar os nomes de destaque na poesia do Pará, nos dias de hoje, e informar se há algum que fale sobre os mitos clássicos, assim como Faustino fazia?

BN: Bom, é o seguinte, a partir de determinado momento, apesar da diferença de gerações, como a poesia do Mário era uma poesia muito assimilável, muito fluida, as pessoas começaram a ter a influência dele. Mesmo os poetas mais velhos começaram a ter a influência do Mário. Então há aí um momento em que o Mário Faustino passou a ser adotado também como poeta, quer dizer, Mário Faustino foi, apesar da idade, apesar de novinho, ele entrou realmente na galeria dos poetas, até para os mais velhos, ou da geração passada, da geração retrasada, como você queira.

MB: Hoje tem algum nome que o senhor ressaltaria entre os poetas paraenses?

BN: Sim, Max Martins.

MB: O senhor não leciona mais, agora dá palestras e...

BN: Isso, tenho uns cursos regulares, livres, que eu dou no Centro de Cultura Cristã, que é aqui perto, não é na cidade, é um pouco fora da cidade. Eu dou curso de Filosofia e dou curso de Literatura também.

MB: E o senhor está escrevendo algo para nós? Algum livro novo?

BN: Não, não, livro não (risos).

MB: Já cansou de escrever? Também, já tem tanta coisa...

BN: Não, não. Eu quero é ver se coleciono o que está disperso, tem muita coisa dispersa, eu gostaria de colecionar, juntar tudo isso.

MB: Professor, foi um grande prazer conversar com o senhor. Eu estou há pelo menos três meses esperando por este momento... é uma honra...

BN: Obrigado.

MB: Quero lhe agradecer muito pelo seu tempo, pela acolhida na sua casa. Eu admiro muito o seu trabalho, assim como meus colegas e professores de quem trago muitos abraços e lembranças. Todos querem saber quando o senhor vai voltar lá...

BN: Ah, sim...

MB: Muito obrigada!

Lista dos dez livros mais consultados, ou de leitura preferida pelo professor Benedito Nunes (na ordem fornecida por ele):

- 1 *Ser e tempo* – Martin Heidegger;
- 2 *Elegias* – Rainer Maria Rilke;
- 3 *Four quartets* – T. S. Eliot;
- 4 *A montanha mágica e Dr. Fausto* – Thomas Mann;
- 5 *O Fausto* – Johann Wolfgang Von Goethe;
- 6 *Judas o obscuro* – Thomas Hardy;
- 7 *Flaubert* – Jean-Paul Sartre;
- 8 *Educação sentimental* – Gustave Flaubert;
- 9 *Moby Dick* – Herman Melville;
- 10 *La pesanteur et la grâce (A pesadura e a graça)* – Simone Weil.